

**DOI:** 10.46943/IX.CONEDU.2023.GT14.001

# **A AGROECOLOGIA COMO PRÁTICA INCLUSIVA E CULTURAL CAMPONESA**

## **FRANCISCO ROBERTO DINIZ ARAÚJO**

Posdoctorado en Psicología con Orientación en Metodología de la Investigación de Revisión - Universidad de Flores, UFLO, Argentina. Pós doutor em Educação Especial pela Université Libre des Sciences de l'Homme de Paris - Paris França. Vínculo institucional: Secretaria de Educação – SEMED. Professor universitário – EU/UDS/WUE/ IFRR. E-mail: robertodinizaemd@hotmail.com.

## **RUTE ARAÚJO LEAL**

[Mestra em Ciências da Educação pela Absoulute Christian University – USA; Professora da Rede Municipal de Ensino de Santo Estevão – BA, \[rutearaujoleal@gmail.com\]\(mailto:rutearaujoleal@gmail.com\);](#)

## **DELVANÊS ARAÚJO LEAL**

[Mestra em Ciências da Educação pela Absoulute Christian University – USA; Professora da Rede Municipal de Ensino de Santo Estevão – BA, \[delvanesleal5@gmail.com\]\(mailto:delvanesleal5@gmail.com\);](#)

## **EDINILSON SANTOS VIEIRA**

[Presidente e Fundador da Educaler University - USA, \[edinilsonasantosvieira@gmail.com\]\(mailto:edinilsonasantosvieira@gmail.com\)](#)

## **RESUMO**

O presente trabalho tem como objetivo analisar a agroecologia e seus desdobramentos na agricultura familiar e a sustentabilidade com responsabilidade inerente de seus praticante. O trabalho versa sobre a importância de se trabalhar não só com o conceito desse termo, mas, sim com a prática efetiva de todos os parâmetros, que ela exige para que corresponda com as suas reais características de produção sustentável e de cultivo de produtos de qualidade, ecológicos, considerando questões sociais, políticas, culturais, energéticas, ambientais e éticas. A maior preocupação com esse tipo de produção se dá pela forma como ela acontece no seio da agricultura familiar e na conscientização dos camponeses assim como de grandes produtores que há muito tempo produzem de forma errada e tão prejudicial ao meio ambiente e a biodiversidade do planeta. A agroecologia visa combater as ações prejudiciais a sociedade e ao meio ambiente causadas pela prática da monocultura, uso exacerbado de agrotóxicos e muitos outros problemas recorrentes do manejo inadequado do solo, com práticas sustentáveis fazendo a utilização de técnicas inteligentes de superação para que esse problema seja resolvido ou pelo menos amenizado. Com a ajuda e a conscientização

de muitos sobre as práticas errantes que acontecem de forma direta e ou indiretamente afetando de forma negativa o solo, já é um passo muito importante para que esse objetivo seja alcançado. Os camponeses e as práticas agroecológicas são o foco desse trabalho, a forma como tudo acontece principalmente na região Nordeste do Brasil, uma área tão afetada por manejos inadequados. Trabalhar com agroecologia e entender seus desdobramentos desde os patamares mais inferiores de produção e como está vêm se desenvolvendo, nos mais avançados meios de produção faz parte de todo um conceito histórico que merece destaque.

**Palavras-chaves:** Agricultura Familiar, Agroecologia, Sustentabilidade, Inclusão, Cultura Camponesa.

## INTRODUÇÃO

---

A agroecologia é uma vertente da agricultura que visa uma forma de produção mais sustentável, com propósitos inovadores que buscam reverter o quadro atual de degradação do meio ambiente devido ao manejo inadequado do solo, em meios de extração de seus recursos até o esgotamento, como se estes fossem algo de uma renovação ao longo dos anos muito rápida, sendo que na verdade a realidade é outra.

Os recursos importantes do solo e do meio ambiente que possibilitam o desenvolvimento das culturas é algo que depois de esgotado, demora séculos para que seja reposto, a atual realidade de muitos países. Estudos avançados mostram o qual ofensivo ao meio ambiente e a biodiversidade do planeta.

A monocultura, por exemplo, explora e se utiliza apenas de alguns dos nutrientes dispostos no solo, isso afeta no equilíbrio dos minerais presentes. Nesta área causando efeitos devastadores para a fertilidade do solo, junto a isso ainda existem as práticas de utilização de máquinas que compactam o terreno ao ponto de causar efeitos irreversíveis aos ecossistemas daquelas localidades.

Associado a prática da monocultura, ainda existem muitos outros fatores que agravam todo o processo de produção, como o uso exacerbado de agrotóxicos e fertilizantes, para que ocorra uma agilidade de desenvolvimento dos plantios. Modificando a própria estrutura das culturas cultivadas.

Nesse cenário, estão diversos agricultores camponeses que de forma instintiva e necessária, criam estratégias de resistência na intenção de trabalhar e ter seu sustento familiar nos meios rurais para garantir sua subsistência e renda, ou seja, sua capacidade socioeconômica nas condições que lhe é proposta pelos meios climáticos ou por qualquer outro fator de resistência que venha ser encontrado, na agroecologia, na comercialização em feiras ou mesmo na comunidade em que esses agricultores vivem a sua forma de resistirem a diversas problemáticas é o que garante a existência desse meio produtivo e comercial rural.

Espera-se que esse breve estudo possa contribuir positivamente para os pesquisadores do tema, para a comunidade acadêmica em geral e, especialmente, para os programas do governo Federal, Estadual e Municipal antes responsáveis pelas políticas públicas direcionadas à agricultura familiar, a fim de fomentar a discussão, para o enfrentamento coletivo do problema.

O presente trabalho tem como objetivo analisar a agroecologia e seus desdobramentos na agricultura familiar e a sustentabilidade com responsabilidade inerente de seus praticantes. O trabalho versa sobre a importância de se trabalhar não só com o conceito desse termo, mas, sim com a prática efetiva de todos os parâmetros, que ela exige para que corresponda com as suas reais características de produção sustentável e de cultivo de produtos de qualidade, ecológicos, considerando questões sociais, políticas, culturais, energéticas, ambientais e éticas.

## **METODOLOGIA**

---

A pesquisa é um conjunto de ações que visa à descoberta de conhecimentos em uma determinada área. No meio acadêmico a pesquisa é um dos pilares das atividades universitárias. Pesquisar é uma atividade da ciência que permite a aproximação e o entendimento da realidade que investigamos e, além disso, nos fornece elementos que possibilitam a nossa intervenção no real (GIL, 2012).

Esta pesquisa caracteriza-se como sendo de natureza qualitativa, pois visa o contato direto e prolongado do pesquisador com o ambiente e a situação que está sendo investigada, via de regra, por meio do trabalho intensivo de campo.

Para Richardson (2008), a pesquisa qualitativa pode ser caracterizada como a tentativa de uma compreensão detalhada dos significados e características situacionais apresentadas pelos entrevistados, em lugar da produção de medidas quantitativas de características ou comportamentos.

A abordagem qualitativa, para Figueiredo (2008), trabalha com dados não quantificáveis, coleta e analisa materiais pouco estruturados, que não precisam tanto de uma estrutura, mas em compensação requerem o máximo de envolvimento do pesquisador. Assim, o pesquisador poderá verificar como o problema se manifesta nas atividades, nos procedimentos e nas interações cotidianas. Assim, para Gil (2012, p.55),

[...] o uso dessa abordagem propicia o aprofundamento da investigação das questões relacionadas ao fenômeno em estudo e das suas relações, mediante a máxima valorização do contato direto com a situação estudada, buscando-se o que era comum, mas permanecendo, entretanto, aberta para perceber a individualidade e os significados múltiplos.

Esta pesquisa possui objetivo descritivo, pois pretende descrever, através de resultados, como a atividade da agroecologia dentro do âmbito familiar camponês, podendo contribuir para o desenvolvimento de posturas como essas, para que o exemplo de coragem e de determinação focado em preservar o meio ambiente assim como o consumo consciente seja seguido.

Segundo Gil (2012, p.56),

[...] as pesquisas descritivas têm como finalidade principal a descrição das características de determinada população ou fenômeno, ou o estabelecimento de relações entre variáveis. São inúmeros os estudos que podem ser classificados sob este título e uma de suas características mais significativas aparece na utilização de técnicas padronizadas de coleta de dados.

Descrever os fatos observados, faz com que os leitores adentrem na narrativa e entendam o ponto de vista dos escritores, assim como construam suas próprias convicções.

Dessa forma, a pesquisa bibliográfica constou no levantamento, seleção, leitura da bibliografia sobre o tema e área objeto de estudo. Esta foi realizada na por meio de livros disponíveis nas bibliotecas das universidades e outros espaços, em sítios da internet, entrevistas e acervo digitais e também sindicato dos trabalhadores rurais situado na sede da cidade. E ainda foi complementado com os trabalhos acadêmicos que auxiliou na elaboração do inquérito base, coleta e análise dos dados.

Neste construto, este trabalho remete-se a pesquisa bibliográfica e descritiva que segundo Severino (2007, p. 122) é:

A pesquisa bibliográfica é aquela que se realiza a partir do registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos, como livros, artigos, teses etc. Utiliza-se de dados ou de categorias teóricas já trabalhados por outros autores e devidamente registrados. Os textos tornam-se fontes dos temas a serem pesquisados. O pesquisador trabalha a partir das contribuições dos autores dos estudos analíticos constantes dos textos.

Em consonância, Gil (2012) diz que os objetivos da pesquisa descritiva visam estudar as características de um grupo, proporcionando uma nova visão, gerando possibilidade de uma ampla fonte de pesquisa para o leitor.

A pesquisa de abordagem qualitativa, a qual trata-se de uma metodologia de pesquisa que busca compreender e explorar as experiências, percepções, significados e interpretações que os indivíduos têm sobre um determinado fenômeno. Essa abordagem é especialmente útil em áreas como as ciências sociais, psicologia, antropologia, história, entre outras disciplinas que lidam com aspectos subjetivos e complexos da experiência humana.

Oliveira (2008) aponta que:

São muitas as interpretações que se tem dado a expressão pesquisa qualitativa e atualmente se dá preferência à expressão "abordagem" qualitativa. Entre os mais diversos significados, conceituamos abordagem qualitativa ou pesquisa qualitativa como sendo um processo de reflexão e análise da realidade através da utilização de métodos e técnicas para compreensão detalhada do objeto de estudo em seu contexto histórico e/ou segundo sua estruturação (p.37).

Além disso, a pesquisa qualitativa também enfatiza a importância da subjetividade e do envolvimento pessoal do pesquisador no processo de pesquisa, o que pode contribuir para a compreensão mais aprofundada dos fenômenos estudados. Para isso, realizamos uma pesquisa bibliográfica em bancos de teses e dissertações, além de periódicos e anais especializados na área.

Nesse sentido, a pesquisa bibliográfica é uma técnica de pesquisa essencial para a produção de trabalhos acadêmicos e científicos, que ajuda a reunir informações relevantes e atualizadas sobre um determinado tema, a identificar lacunas e inconsistências na literatura existente, e a construir a fundamentação teórica necessária para a tomada de decisões em diferentes contextos.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

---

A agroecologia é uma nova abordagem da agricultura que integra diversos aspectos agrônômicos, ecológicos e socioeconômicos, na avaliação das técnicas agrícolas sobre a produção de alimentos e na sociedade como um todo. Segundo o Portal Ambiental (2008), representa um conjunto de técnicas e conceitos que surgiram em meados dos anos 90 e visa produção de alimentos mais saudáveis e naturais. É uma perspectiva que busca integrar princípios e práticas ecológicas com a produção agrícola. A agroecologia pode ser vista como uma abordagem holística que busca compreender a interação entre os sistemas naturais e as práticas

agrícolas, buscando promover a biodiversidade, a resiliência dos ecossistemas e a sustentabilidade agrícola.

A agroecologia não é um conjunto rígido de técnicas ou práticas, mas sim um processo de construção de sistemas agrícolas baseados em conhecimentos científicos e práticas tradicionais, que considera as particularidades locais e regionais. É uma abordagem que enfatiza a importância do conhecimento e da experiência dos agricultores, bem como a colaboração e a participação dos diferentes atores envolvidos no sistema agrícola, incluindo produtores, pesquisadores, técnicos, consumidores e outros.

A área tem se tornado cada vez mais relevante nos últimos anos, em um contexto de preocupação crescente com a sustentabilidade e a segurança alimentar. A abordagem agroecológica tem sido utilizada por agricultores e organizações em todo o mundo como uma alternativa aos sistemas de agricultura convencional intensiva, que muitas vezes resultam em degradação ambiental, perda de biodiversidade e insegurança alimentar.

Nesse contexto, podemos considerar a agroecologia como não sendo apenas técnicas para o aumento da produção, mas sim a “ponte” entre a sustentabilidade ambiental e a relação social – cultural dos produtores. É o “elo” de um aumento significativo da produção com uma boa expressão econômica, ampliando a renda familiar.

Segundo Neudi (2006), a agroecologia é uma ciência que impõe o estudo para a elaboração de uma nova forma de organizar a economia do país. Compreende uma ciência completa que liga as práticas agrícolas apropriadas à região e aos ecossistemas locais, a questão social dos agricultores e agricultoras, e as relações econômicas produzidas através da agricultura familiar e da comercialização do excedente. Na agroecologia se busca garantir a qualidade de vida humana e de todas as vidas que são indispensáveis e compõem os ecossistemas, produzir alimentos saudáveis, conservar a natureza e garantir que as futuras gerações tenham o direito de contemplar um ambiente mais equilibrado.

A agroecologia permeia grandes áreas científicas como: a agronomia, ecologia, sociologia e a economia, mas a sua sustentabilidade surge com o conhecimento popular dos agricultores, que através dessas ciências tentam explicar, adequar e potencializar um novo conceito para a agroecologia.

Para Glessman (2005) a agroecologia é a ciência da aplicação de conceitos e princípios ecológicos ao desenho e manejo de agros ecossistemas sustentáveis.

A agroecologia contempla uma visão holística em que estabelece relações com o desenvolvimento sustentável e com a agricultura, com pauta ambiental, social, econômico e cultural (BADUE; GOMES, 2011). Pode-se concluir que a agroecologia busca de forma natural e consciente o manuseio da terra para se tiver alimentos mais saudáveis pensando em sua qualidade como também nos seus reflexos ambientais.

Podem ocorrer tanto práticas individuais, ou mesmo em organizações com outros fins governamentais de preservação ambiental, como também o movimento chamado Camponês a Camponês no ano de 1997, pela intermediação da Associação Nacional de Agricultores Pequenos de Cuba (ANAP), no qual ocorreu uma recuperação da agricultura camponesa, como também de práticas agroecologias assim como compostagem, conjugação lavoura-pecuária, adubos orgânicos, cultivo de plantas medicinais entre outros (ALTIERI; TOLEDO, 2011; WEZEL et al, 2009).

Na atualidade, ocorrem práticas de colaboração entre os camponeses, tanto na sua forma de produzir, como na comercialização, salientando o meio de cooperar existente entre os vizinhos, associações de agricultores, nas feiras, na religiosidade, com os parentes, aos amigos, produzindo uma identidade camponesa que existe na história em tempos remotos, sendo uma reprodução da vida dos mesmos, para suas gerações futuras (MARQUES, 2004).

Para Toledo e Barrera-Bassolos (2008), as práticas agroecológicas e os saberes da terra são adquiridos de geração para geração por meio das experiências, nessa inter-relação entre cultura e natureza, pautada no manejo apropriado do solo, das águas e plantas.

O camponês como ser agroecológico advém não só do processo histórico, mais do social, e também possui princípios, nos quais constrói o seu dia a dia com a terra, juntamente com suas práticas que se mostram como problemáticas do tipo: econômica, tecnológica, ecológica, cultural e política (ALTIERI, 1998).

O camponês pode ser considerado como um ser agroecológico, pois tradicionalmente sua relação com a terra e a produção de alimentos é baseada em práticas e conhecimentos ecológicos. A agroecologia valoriza o conhecimento e a experiência dos agricultores locais, e muitas das práticas agroecológicas derivam dos conhecimentos ecológicos dos camponeses.

Os camponeses geralmente trabalham com sistemas agrícolas diversificados, que incorporam cultivos e criação de animais, e muitas vezes utilizam técnicas de manejo do solo e controle de pragas baseadas em conhecimentos tradicionais

e agroecológicos, tais como a rotação de culturas, o uso de adubos orgânicos, o plantio consorciado e o controle biológico de pragas.

Além disso, a agroecologia enfatiza a importância da participação ativa e da organização dos camponeses em processos de construção de conhecimento e práticas agroecológicas, e na gestão sustentável dos recursos naturais. Através da organização e do fortalecimento de redes de agricultores agroecológicos, os camponeses podem compartilhar conhecimentos e experiências, e se apoiar mutuamente na implementação de práticas agroecológicas.

Nessa perspectiva, a agroecologia promove uma visão mais ampla e sistêmica da agricultura, considerando a interação entre a produção agrícola, o meio ambiente, a saúde humana e a justiça social. Assim, os camponeses, como seres agroecológicos, podem contribuir para a promoção de sistemas agrícolas mais justos, sustentáveis e saudáveis para todos.

Uma das características e concepções da produção Agroecológica que se pode apontar a primeiro momento é o aumento e conservação da biodiversidade e em momentos posteriores vem à recuperação do solo degradado, manejo adequado do solo, reabilitação do solo danificado sem o uso de agrotóxicos, colaboração na preservação de águas, plantas e animais entre outros (ALTIERI, 1998). Em relação às práticas espaciais, pode-se dizer que são ações localizadas que agem diretamente no espaço, podendo modificá-lo em um todo, como também em algumas partes, e até conservar em suas formas e em seu compartilhamento no espaço (CORREA, 2000).

O espaço consiste nas interações sociais com a natureza, direta ou indiretamente, que representam as marcas registradas pelas práticas espaciais podendo modificar ou conservar determinado espaço. A região Nordeste é caracterizada pelos grandes períodos de estiagem, é considerada uma região semiárida. Sua vegetação é mais ou menos contínua, como a predominância da caatinga, savana ou a estepe, o solo é pobre em matéria orgânica e rico em cálcio e potássio. Nessa região, as chuvas são irregulares e escassas, sendo assim, o regime pluviométrico determina duas estações, um ciclo curto que é a estação chuvosa, com aproximadamente três a cinco meses no primeiro semestre do ano, chamado de "inverno" e um longo período seco, de sete a nove meses, podendo-se alongar por dezoito meses ou mais, chamada de "verão" (DUARTE, 2005).

Por essa região ser tão complexa e rica em diversidade vegetal, animal e cultural, que buscamos compreender melhor esse universo da agroecologia. Afinal

essa ciência se propõe a preservar e conviver com toda e qualquer forma de vida independentemente de como ela se mantenha na natureza.

Estima-se que pelo menos 932 espécies nativas são registradas, diante desse fato pode-se dizer que esse número é muito baixo, considerando o potencial da nossa região, podendo ser registrado três estratos vegetais: arbóreo, arbustivo e herbáceo. Quase todos os rios são intermitentes e os volumes de água em geral são limitados. A altitude da região varia de 0 a 600m no ano, a temperatura varia entre 24°C e 28°C, com precipitação média de 250 a 1000 mm, o déficit hídrico é elevado em toda a região, a evaporação chega aos 2.000 mm/ano (DUARTE, 2005).

Na agroecologia a agricultura é vista como um sistema vivo e complexo, inserida na natureza rica em diversidade, vários tipos de plantas, animais, microrganismos, minerais e infinitas formas de relação entre estes e outros habitantes do planeta terra.

O conceito de agroecologia e agricultura sustentável consolidou-se na ECO 92, quando foram lançadas as bases para um desenvolvimento sustentável no planeta. Nos dias de hoje, o termo é entendido como um conjunto de princípios e técnicas que visam reduzir a dependência de energia externa e o impacto ambiental da atividade agrícola, produzindo alimentos mais saudáveis e valorizando o homem do campo, sua família, seu trabalho e sua cultura. A agroecologia também é definida como a produção, cultivo de alimentos de forma natural, sem a utilização de agrotóxicos e adubos químicos solúveis (PORTAL AMBIENTAL, 2008).

Agroecologia e agricultura sustentável são conceitos relacionados, que buscam promover práticas agrícolas que sejam ambientalmente sustentáveis, socialmente justas e economicamente viáveis.

A agroecologia pode ser vista como uma abordagem holística que busca compreender a interação entre os sistemas naturais e as práticas agrícolas, buscando promover a biodiversidade, a resiliência dos ecossistemas e a sustentabilidade agrícola. A agroecologia se baseia em conhecimentos científicos e práticas tradicionais, que consideram as particularidades locais e regionais, valorizando a participação dos diferentes atores envolvidos no sistema agrícola, incluindo produtores, pesquisadores, técnicos, consumidores e outros.

Por sua vez, a agricultura sustentável busca promover práticas agrícolas que sejam ecologicamente responsáveis, socialmente justas e economicamente viáveis. Isso implica em produzir alimentos de maneira que não cause impactos negativos ao meio ambiente, promover a equidade social e a justiça econômica, e

garantir a viabilidade econômica das atividades agrícolas. A agricultura sustentável pode incluir uma série de práticas, tais como a utilização de técnicas de manejo de solo e controle de pragas sustentáveis, o uso de insumos orgânicos, a adoção de práticas de conservação da biodiversidade e a promoção da diversificação agrícola.

Dessa forma, a agroecologia e a agricultura sustentável buscam promover sistemas agrícolas que sejam mais equilibrados e resilientes, que atendam às necessidades das gerações presentes sem comprometer as possibilidades das gerações futuras.

A agricultura surgiu há aproximadamente 10.000, e nem sempre foi tão progressiva, pode-se dizer que essa agricultura considerada atrasada por muitos respeitavam a biodiversidade, produziam de forma simples, observando a natureza, as suas ações e reações. Dessa forma não podemos transformar a agricultura em mercadorias patenteáveis. Na tentativa de se desenvolver alternativas a esse modelo de produção conservacionista atual, precisamos mudar esses preconceitos estabelecidos sobre agricultura (FAGUNDES, 2006). A produção agroecológica encontra-se em um processo crescente em todo o mundo, chegando a taxas consideráveis de 20% a 30% ao ano. Mundialmente esses produtos movimentam cerca de 20 bilhões de dólares, um valor considerável, destacando – se com maior expressividade a Europa, Estados Unidos e Japão, esses países possuem uma boa oferta de produtos agroecológicos e uma intensa procura.

Agroecologia envolve modernas ramificações na agricultura como: agricultura biodinâmica, agricultura ecológica, agricultura natural, agricultura orgânica, os sistemas agroflorestais. Essas correntes têm provado ao longo dos anos que é possível produzirem alimentos para alimentar a humanidade diminuindo os impactos ambientais, protegendo a vida do solo, garantindo a reciclagem de nutrientes e dos microorganismos, que é de fundamental importância para assegurar a biodiversidade dos agroecossistemas.

O modelo predominante nos pacotes tecnológicos tem englobado o que se convencionou chamar de modelo da revolução verde (que estimula o uso de adubos químicos altamente solúveis, agrotóxicos, melhoramento genético voltado exclusivamente à produtividade física, mecanizada intensiva voltada para grandes áreas, etc.). Esse modelo resultou em aumento da concentração da propriedade da terra, na elevação do êxodo e na persistência da miséria no meio rural, na perda de qualidade biológica, dos alimentos, na contaminação do meio ambiente e dos trabalhos

e no incremento de uma serie de doenças e sequelas tanto em agricultores, quanto em consumidores (CHISTOFFOLI, et al. 2006).

Não podemos negar que a revolução verde conseguiu aumentar a produtividade da produção agrícola daquela época, e por algum tempo supriu a necessidade alimentar do mundo. Mas com sigo veio também os famosos pacotes tecnológicos, (adubos químicos, agrotóxicos, sementes transgênicas e o uso de maquinários pesados), garantindo assim o uso desses elementos que foram utilizados na Segunda Guerra Mundial e readaptados para a agricultura. Sendo assim as empresas capitalistas continuaram obtendo lucro, e conseguiu organizar o campo, transformando-o em uma “matriz”, com um alto potencial produtivo sem se preocupar com as características intrínsecas da natureza. Priorizando apenas a questão meramente econômica.

É evidente que as causas e efeitos desses malefícios são desastrosos para o nosso meio ambiente, com o surgimento de pragas e doenças mais resistentes aos agrotóxicos, contaminação do solo, água e ar, causando um desequilíbrio ecológico. E para a humanidade, causando danos irreversíveis, matando o seu povo através de doenças e contaminações. A nossa geração é considerada a geração cancerígena.

Na década de 90, surge o agronegócio com a intenção de camuflar o latifúndio, da agricultura capitalista, que tem como característica a exploração do homem pelo homem, trabalho escravo representado pela mão-de-obra barata, das grandes concentrações de terras, do coronelismo da subserviência e da falta desenvolvimento político e econômico. Quando se fala em latifúndio logo associamos a terra improdutiva e terra que possui essas características deve ser destinada para a reforma agrária, o agronegócio quis criar a figura do latifúndio produtivo, que nada mais é do que os grandes monocultivos, que produzem com um único objetivo, a exportação. Por isso que se justifica a luta dos movimentos sociais, na perspectiva de descentralizar e socializar a terra, o trabalho e o capital. Potencializando a luta de classes. Que não há adjetivos que consigam modificar os conteúdos dos substantivos (MANÇANO, 2008).

Segundo Mançano (2008), estrategicamente, o agronegócio se apropria de todos os resultados da produção agrícola e da pecuária como se fosse o único resultado do país. A agricultura camponesa que é responsável por mais da metade da produção do campo, com exceção da cana, soja e laranja, não aparece como grande produtor e fica no prejuízo. Com essa estratégia, o agronegócio é privilegiado com a maior fatia do credito agrícola.

A diferença entre classes sociais, valorização dos produtos, relação entre preços e custos, o lucro pelo lucro, fazem parte da estrutura do capitalismo. No campo do desenvolvimento tecnológico, a classe dominante está entre si mesma em constantes disputas, e dessa forma se torna possível reduzir os custos dos produtos. A margem de diferença do valor real dos produtos para o valor comercializado é retirada na produção em larga escala, no marketing, nas promoções e consequentemente em uma maior venda. Isso só é possível para um capitalista se ele detiver um aparato tecnológico e apropriado as suas necessidades e as necessidades do mercado. Com isso ele ganha a concorrência, aumenta a freguesia e ainda conseguem obter um lucro extraordinário. Essa é lei da oferta e da procura.

O que comentar da situação dos pequenos agricultores, se eles não possuem tecnologias apropriadas para a suas realidades, eles ficam com a terra de pior qualidade porque o “file miom” fica para os latifundiários, nem tampouco possuem recursos financeiros para investir na produção. Essa é a estratégia da agricultura latifundiária, para tirar os pequenos agricultores da disputa, na produção e comercialização produtos (BRASIL, 2005).

A agricultura convencional vem enfraquecendo ao longo dos anos no Brasil e no mundo. Acredita-se nessa hipótese, porque a agroecologia vem ocupando muitos espaços importantes na esfera planetária, e não podia ser diferente, afinal é a ciência que respeita, protege e convive com todas as formas de vida do planeta terra.

Acredita-se que um agro ecossistema é sustentável quando ele tem a capacidade de se manter através do tempo, possibilitando a produtividade dos sistemas agrícolas, a diversidade vegetal ambiental e cultural, conservando os recursos renováveis, buscando alternativas adaptáveis a região. Alguns fatores são indispensáveis para uma agricultura sustentável a biodiversidade dos microrganismos, de plantas e animais e a ciclagem de nutrientes de matéria orgânica (ALTIERE, 2002).

Educa-se para a convivência solidária e sustentável com o meio. Esta perspectiva de educar para a convivência visa desenvolver um conjunto de práticas e processos que contribuam para a produção de uma existência biossocial de gênero humano em que este é concebido como um ser da natureza e da sociedade ao mesmo tempo. (KUSTER, Et al., 2004).

Para Altieri (2002), no manejo sustentável de um agro ecossistema deve-se trabalhar:

- a. Cobertura vegetal, como medida conservacionista de água e de solo, através das práticas de cultivo, cobertura morta, adubação verde, etc.;
- b. Adição regular de matéria orgânica (esterco, compostos), favorecendo a atividade biológica do solo;
- c. Reciclagem de nutrientes pelo uso de rotação de culturas, sistemas agro-florestais, integração da agricultura com a pecuária, etc;
- d. Uso de controle biológico para pragas e doenças na tentativa de alcançar a conservação dos inimigos naturais, ou seja, aumentar a biodiversidade.

Na conferência mundial da ECO 92, no Rio de Janeiro, foi o momento em que as nações se uniram em um só propósito, chegar no consenso quanto ao conceito de sustentabilidade. Nesse celeiro de ideias e significados, não se pode deixar de fora as seguintes problemáticas nos respectivos campos: social, ambiental, político, econômicos e éticos. Esses fatores são indispensáveis na construção de um novo conceito, o mesmo está intimamente ligado a agroecologia.

A expressão Agricultura Familiar (AF) surgiu a partir das (ONGs), sindicatos de trabalhadores rurais (STRs) e suas federações. O governo acatou a expressão e destinou uma parcela do orçamento da União em apoio à agricultura familiar, principalmente através do PRONAF, que é um importante programa do Governo Federal que apoia financeiramente os agricultores do País. É evidente que a política de crédito nem sempre beneficia os agricultores familiares de fato, porque são muitas burocracias a serem cumpridas no momento de acessar o crédito, dessa forma muitos agricultores acabam desistindo.

Atualmente definem-se como agricultura familiar aqueles estabelecimentos que possuam os seguintes critérios, simultaneamente: a administração dos trabalhos do estabelecimento for exercida pelo produtor; o trabalho familiar for superior ao trabalho contratado; uma área inferior em até 04 vezes do módulo fiscal.

Afirma-se que, na maioria das unidades produtivas do Brasil pelos seguintes critérios: dos 4,86 milhões de estabelecimentos agropecuários brasileiros 4,14 milhões ou 85% do total caem nessa categoria. Representa 30,5% da área total e são responsáveis por 38% do valor bruto da produção agropecuária. Quer dizer grosso modo que, tudo que não é latifúndio, é agricultura familiar. Podem-se definir como familiares àquelas unidades onde a gestão, o trabalho e a propriedade dos principais meios de produção, são ou não necessariamente os donos da terra, mas que pertençam ao produtor de direito. Isso não significa dizer que, para se caracterizar

um estabelecimento como sendo de agricultura familiar, seja obrigatório que a terra pertença de fato a quem nela produz (FICKERRT, 2004).

As principais práticas agroecológicas são: a compostagem, matéria orgânica, cobertura morta, defensivos naturais, biofertilizantes, uso integrado da agropecuária, respeitando a diversidade dos agroecossistemas, curva de nível, cercas vivas, adubação verde, preservação das sementes crioulas, consórcio de culturas, rotação de culturas, redução do desperdício de água etc. Essas alternativas são apropriadas para pequenas propriedades e facilmente adaptáveis a especificidade local porque se trata de experiências observadas e realizadas para uma produção de alimentos mais saudáveis para a humanidade.

Em contrapartida a agricultura familiar e camponesa é responsável por 67% da produção de feijão, 59% da produção de leite e 49% da produção de milho. Agroecologia e a organização camponesa, reconstruindo o sustento da vida e a transformação da Sociedade (COSTA, et al., 2006).

Esses dados são referentes a produção da agricultura familiar no país, sendo assim comprova a tese de que é a agricultura familiar que abastece a mesa dos Brasileiros. Porque a agricultura latifundiária só produz para exportar e alimentar as grandes criações de animais dos Europeus.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

---

Ao término dessa pesquisa destaca-se a concretização de todas as atividades práticas e educativas que propostas na realização deste trabalho. Foi possível constatar que no Brasil existe uma agricultura agroecológica em caráter de experiência, e que os produtores já comercializavam o excedente. Com a comercialização desses produtos as famílias que fazem parte do NUPAC, conseguem aumentar a sua renda familiar consideravelmente. O que se justifica que a agroecologia vem crescendo e aumentando o seu campo de concentração.

Ainda conseguiu-se mudar a ideia de muitos agricultores, que ainda acreditavam no potencial da agricultura tradicional, conseguimos semear a semente da agroecologia verdadeira, que é socialmente justa economicamente viável e ambientalmente correta, que se preocupa com o futuro da nossa natureza e de nossas crianças.

A busca por melhorias, em que a produtividade de alimentos de forma sustentável na região sertaneja se destaca a produção agroecológica que vem fortalecer

essa conjuntura de subsistência, a fim de suprir o sustento dos pequenos produtores, promovendo um resgate crescente da dignidade humana. Assim, também contribui com o meio ambiente, pois favorece as práticas de preservação a respeito do desmatamento, degradação dos recursos naturais, e ainda na elevação dos níveis de qualidade alimentar para as famílias, na criação e geração da renda familiar, na diversificação da produção com produtos livres de agrotóxico nocivos à saúde e ao meio ambiente. Dessa forma, as práticas agroecológicas asseguram a diversidade das culturas vegetais e animais e perpetuam sua procriação. Diversos benefícios para produtores envolvidos para o incremento da renda familiar são suscitados por meio da comercialização de diferentes espécies e produtos no decorrer do ano todo.

A implantação deste projeto de produção favorece ainda a inclusão social das famílias participantes, pois os custos reduzidos proporcionam essa inserção e desmonta a valorização das tradições e costumes locais das comunidades assentadas.

Portanto, deve-se divulgar mais a agroecologia como ciência, seu conceito, sua contribuição para a natureza e o homem, descentralizando as pesquisas científicas dos interesses do grande capital, garantindo a socialização da educação em todos os aspectos e em todas as classes sociais. Afinal se o homem tivesse consciência das suas atitudes, ele jamais destruiria a natureza e conseqüentemente a si própria.

## **REFERÊNCIAS**

---

ALTIERE, M. **Agroecologia:** Bases científicas para uma agricultura sustentável. Guaíba: Agropecuária, 2002.

BRASIL. **Produção Agroecológica e acesso a mercados locais** - Coordenadores: Marcelino Lima, Joseilton E angelista, Cíntia Ganarra- Recife -Diaconia, 2006.

BRASIL. **Jornada de Agroecologia** – 5º Encontro Estadual – Pará - Brasil, Centro de convenção de Cascavel, junho de 2006.

BRASIL. **Curso de Capacitação em Agricultura Orgânica.** Coordenadores: Edmilsom Jose Ambrosano, Fabrício Rossi, Gerson Antonio Grampo, Nivaldo Guirado, Paulo

Cesar Dimo, Roberto A. Arevelo, Mendes, Escolástica Ramos de Fritas, São Paulo Dezembro, 2004.

BRASIL. **Reforma Agrária e meio Ambiente**, Ano 1 Nº 1 – novembro de 2006 \_ Rede de pesquisa em Agroecologia C e T e Reforma Agrária. Organizadores: Pedro Ivan Chritoffoli, Leando Fagundes ClausGermer, José Antonio Custódio de Oliveira Filho.

DUARTE, Daniel. **Plantas, prosas e Poesias do Semi-Árido**; 1 edição. Campina Grande-PB, 2005.

FICKERT Uldo. **Organizadores Agricultura familiar, agroecologia e Mercado no Norte e Nordeste do Brasil**. Fortaleza – Fundação Konrad Adenauer, Ded 2004.

FERNANDES, Bernardo Mançano. **Agronegócio e Reforma agrária**. Departamento de Geografia da Unesp, campus de Presidente Prudente;

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2012.

GLESSMAN, Stephen R. **Agroecologia**: Processos ecológicos em agricultura sustentável. 3ª ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2005. Disponível em: [http\\ \\ www. portal ambiental.com.br](http://www.portalambiental.com.br). Histórico da Agroecologia. Acessado em: 02 nov. 2015.

JESUS, Carlos Augusto Cavalcante. Dissertação de Mestrado; **Diagnostico da Agricultura Agroecologica na mesorregião do Agreste Paraibano**. Areias – PB, junho 2005.

KUSTERM, Ângela; KONRAD, Beatriz Mattos. **Educação no contexto do semiárido brasileiro**; Organizadores: Adenauer. Fortaleza, 2004.

LUDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MARQUES, Marta Inez Medeiros. **Lugar do Modo de Vida Tradicional na Modernidade**. In. OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de; MARQUES, Marta Inez Medeiros

(orgs.). O Campo no Século XXI: território de vida, de luta e de construção da justiça social. São Paulo: Casa Amarela e Paz e Terra, 2004.

OLIVEIRA, Maria Marly de. **Como fazer pesquisa qualitativa**. 2 ed.-Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2007.